



UMA CONTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA AOS ESTUDOS DAS FEIRAS LIVRES NO ESPAÇO URBANO DE CAMPO GRANDE/MS

Luiz Paulo Ferreira

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Roberto Ortiz Paixão

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Resumo

O presente trabalho analisou as implicações socioambientais das feiras livres na geografia urbana de Campo Grande - MS, tendo como recorte mais detido a feira livre do bairro Coophavila II, região urbana da Lagoa. Pretendeu-se (re)conhecer e apreender de forma mais circunstanciada os desdobramentos dessa atividade comercial, enfatizando as relações sociais entre moradores, feirantes e usuários, bem como aspectos ambientais e de circulação, associados à atividade em questão, para, ao final, propor diretrizes e/ou alternativas para a gestão urbana desses espaços. Analisou-se a infraestrutura técnica e social instalada nas feiras de ruas com as feiras em locais específicos. Foi adotado como procedimentos gerais, o levantamento de fontes secundárias, documentos governamentais e fontes eletrônicas, complementados ainda com pesquisa quantitativa e qualitativa, com questionários abertos e fechados aplicados a feirantes, usuários e moradores locais. Os resultados apontaram que no entendimento dos moradores as feiras de rua apresentam problemas para a sua circulação, já os feirantes um problema na atividade é o apoio do poder público e da parte dos usuários as feiras livres seriam melhores desenvolvidas em locais específicos, entre outros aspectos.

Palavras-chave: Campo Grande. Coophavila II. Feiras Livres. Espaços Urbanos.

A GEOGRAPHICAL CONTRIBUTION TO THE STUDIES OF THE STREET MARKETS IN THE URBAN SPACE FROM CAMPO GRANDE – MS

Abstract

This study analyzed the environmental implications of free trade in the urban geography of Campo Grande-MS, with clipping more arrested in the free fair from Coophavila II neighborhood, at the urban area in the lake. It was intended to recognize and learn in detail the developments of the commercial activity,

emphasizing the social relations between residents, merchants and users, as well as the environmental aspects and movement associated with the activity in question. And, finally, propose guidelines or alternatives for urban management of these spaces. Analyzed the technical and social infrastructure installed street fairs with fairs in specific locations. It was adopted as general procedures, the survey of secondary sources, government documents and electronic sources, and complemented with quantitative and qualitative research, with open and closed questionnaires applied to merchants, users and local residents. The results showed that about the understanding of residents, the street fairs present problems for their movement, and the fair dealers pointed out other problem: "one of the problems in the activity is the support of the government". And, the part of users agrees that, the free trade would be best developed in specific locations, among other things

Keywords: Campo Grande. Coophavila II. Free Trade. Urban Spaces.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho analisou as implicações socioambientais de quatro feiras livres na geografia urbana de Campo Grande – MS, sendo que, duas se instalam periodicamente nas ruas e duas em local específico, fora das ruas, tendo como recorte principal a feira livre do bairro Coophavila II, região urbana da Lagoa.

As feiras têm como objetivo proporcionar o abastecimento suplementar de produtos hortifrutigranjeiros, cereais, doces, carnes, pescados, laticínios, artesanatos, etc. e, segundo Bechara (2011, p. 580), feiras são, “s.f. 1. Espaços públicos ao ar livre onde são expostas mercadorias para compra e venda. [...]”.

Segundo Mott (1976, p. 83), “A primeira referência de feira no Brasil data de 1548, quando o Rei D. João III na tentativa de evitar que os colonos se dirigissem às aldeias, ordenou que se fizesse um dia de feira [...]” (MOTT, 1976, p. 83. *apud*. TREVISSAN, 2008, p. 45).

As feiras livres de Campo Grande - MS, como todas as feiras livres tradicionais, são pontos comerciais que se instalam em determinados espaços urbanos com dias das semanas e horas pré-determinados, com objetivo de comercializarem produtos hortifrutigranjeiros, artesanais e produtos industrializados.

Entende-se que, esta problemática ganha uma dimensão e perspectiva de contribuição ainda maior por ocasião da revisão do Plano Diretor Municipal em andamento em Campo Grande, razão pela qual se justifica ainda mais esse esforço geográfico de releitura das relações sócio espacial contido no urbano de Campo Grande.

Nesse contexto, uma problemática nos sobressalta: quais são os pontos positivos e negativos causados pelas feiras livres nas ruas de Campo Grande, a partir da perspectiva dos atores envolvidos nessa atividade, de forma direta ou indireta.

Buscou-se ainda, compreender a permissividade da sociedade resultante por ocasião das feiras, para os conflitos urbanos gerados pelas implicações sociais, como, por exemplo, desvio do trânsito, obstruções das garagens, impactos sociais e etc.

Pretendeu-se apontar elementos, como, também, sugerir diretrizes e alternativas ao poder público e a sociedade local no que diz respeito às feiras livres localizadas na capital sul-mato-grossense, tendo como foco a feira livre do bairro Coophavila II, região urbana da Lagoa, contribuindo ainda com os estudos já desenvolvidos, que abordaram direta ou indiretamente o tema, como, por exemplo, Almeida (2003), Calado (2010 e 2013), Gardin (1999), Oliveira Neto (1997 e 2005), Trevisan (2008).

Para a consecução dos propósitos desta pesquisa, foram adotados, inicialmente, os procedimentos metodológicos básicos, conforme recomendados em Lakatos e Marconi (2012, p. 43-44) com análise documental-indireta (livros, dissertações, artigos, teses e bibliografias), direcionados para o levantamento de dados sobre as feiras livres, suas origens, normativas, sistema legal e funcionamento.

A pesquisa analisou quatro feiras livres da cidade de Campo Grande-MS, sendo duas em local específico (Feiras dos Bairros Cabreúva e Vila Jacy) e duas que se instalam nas ruas (Feiras dos bairros Guanandy e Coophavila II). Entrevistou-se 120 pessoas divididas em três grupos (Feirantes, Moradores e Usuários ou Fregueses) sobre forma de questionários mistos com cinco perguntas específicas para cada grupo, totalizando 600 respostas. Os resultados da pesquisa foram analisados e transformados em gráficos, conforme item da análise e resultados de campo.

No aspecto aplicado da pesquisa, foi direcionado um esforço maior para a feira da Coophavila II, com levantamento mais detido acerca de sua situação, porém, com aplicação de questionários em outras três feiras além da Coophavila II, na intenção de melhor se compreender e comparar o objeto desse estudo no espaço urbano.

As feiras livres como espaço de contradições e conflitos

Segundo Cleonice Gardin (1999), em 26 de agosto de 1899, o Arraial de Santo Antônio de Campo Grande ganhou estatuto de Vila de Campo Grande. Já em 1902, conquista a categoria de município com a nomeação do primeiro intendente, o Sr. Francisco Mestre (COSTA, 1999). Em 18 de junho de 1909, foi aprovado pela câmara do município de Campo Grande o primeiro projeto urbanístico, “[...] o engenheiro Nilo Javari Barém desenhou a primeira planta da cidade. [...] Ficava bastante clara a intenção do projeto, de facilitar o trânsito de pessoas, animais e veículos, [...]”. (OLIVEIRA NETO, 1997. p. 31-32).

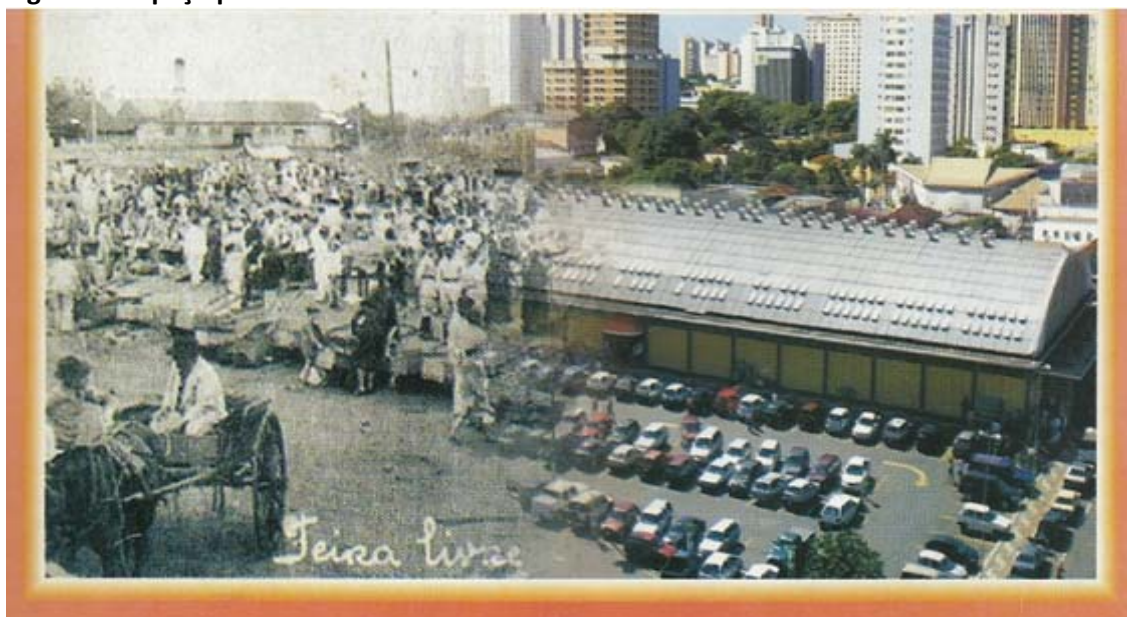
Ainda segundo Oliveira Neto (2005, p. 51-56), “[...] o primeiro Código de Posturas de Campo Grande, aprovado em 30 de janeiro de 1905, [...]”. Por meio de vários artigos, proibia-se utilizar as ruas para qualquer atitude que pudesse impedir o

trânsito de pessoas ou de carroças. [...]” Isto também sugere que tal proibição incluiria os espaços de realizações das feiras à época.

Nesse contexto, “O Mercado Municipal Antônio Valente, ou simplesmente Mercado, [...] Teve sua origem numa feira livre, [...] dando origem a primeira feira municipal.” (REVISTA DO MERCADÃO MUNICIPAL, 2010).

A partir disso, o espaço aberto de propriedade do senhor Antônio Valente foi doado para a edificação do que é atualmente o Mercado Municipal de Campo Grande, conforme se verifica na Figura 1.

Figura 1 - Espaço público: Passado e Presente



Fonte: ASSOCIMEC - (2010).

Sobre isso, a Associação dos Comerciantes do Mercado Municipal de Campo Grande - MS), traz a seguinte contribuição:

O Mercado Municipal Antônio Valente, ou simplesmente Mercado, é um dos principais símbolos da história de Campo Grande. Sua construção iniciou-se em 1957 e foi inaugurado em 30 de agosto de 1958. Teve sua origem numa feira livre, que até os anos 50 ocupou uma grande área margeando os trilhos da Noroeste, entre a Avenida Afonso Pena e a Rua 7 de Setembro, dando origem a primeira feira municipal. Quando se mudou para a Rua Antonio Maria Coelho, abriu espaço para o início do Mercado.

“O Mercado Municipal Antônio Valente, ou simplesmente Mercado, é um dos principais símbolos da história de Campo Grande. Sua construção iniciou-se em 1957 e foi inaugurado em 30 de agosto de 1958. Teve sua origem numa feira livre, que até os anos 50 ocupou uma grande área margeando os trilhos da Noroeste, entre a Avenida Afonso Pena e a Rua 7 de Setembro, dando origem a primeira feira municipal. Quando se mudou para a Rua Antonio Maria Coelho, abriu espaço para o início do Mercado.” (ASSOCIMEC. Revista do Mercado Municipal. – Maio 2010. p. 16).

Após a transformação da primeira feira livre da cidade de Campo Grande em Mercado Municipal Antônio Valente em 1958, os feirantes que não se instalaram no novo modelo de feira livre do Mercado Municipal, montaram outra feira livre na rua Barão do Rio Branco e, posteriormente, mudaram a feira livre para a rua Abrão Júlio Rahe, entre as ruas Pe. João Crippa e José Antônio. Em 2004, a feira livre, conhecida como feira Central, saiu da rua Abrão Júlio Rahe e instalou-se em local fixo, conforme Figura 2.

Figura 2 - Feira Central de Campo Grande



Fonte: Moura (2016).

Segundo Calado (2010, p. 54) “A Feira Livre Central de Campo Grande passou por nova mudança de localização e na própria estrutura organizacional, ocupando parte da antiga Estação Ferroviária, em 2004, local construído e administrado pela Prefeitura Municipal de Campo Grande. [...]”.

Normas de desenvolvimento da área urbana

Em 6 de outubro de 2006 foi aprovado pela Câmara Municipal de Campo Grande e sancionada pelo prefeito a Lei Complementar n. 94, instituindo a política de desenvolvimento e o Plano Diretor de Campo Grande, assim como outras providências.

Segundo o Art. 17 da citada Lei, o Plano Diretor de Campo Grande “[...] tem como finalidade assegurar o atendimento das necessidades dos cidadãos [...]”, assim como, (Art. 17 – I, p. 13) “ordenar a ocupação e expansão urbana, buscando a distribuição equânime das atividades, principalmente as terciárias, e otimizar a infraestrutura técnica e social instalada; [...]”.

Em relação as feiras livres de Campo Grande-MS, a Lei Complementar nº 223 de 14/01/2014 publicado no Diário Oficial do Município em 16 janeiro de 2014, regulamentou as feiras livres no seu Art. 2, § 1º, como apresentado na Lei, “Não será permitida a localização de Feiras Livres nas proximidades de Hospitais, Postos de Saúde, Estabelecimentos Escolares, Unidades de Seguranças (bombeiros e delegacias), Templos Religiosos, no raio de 500 (quinhentos metros)”.

Em 24 de fevereiro de 2014 a Câmara Municipal de Campo Grande-MS, aprovou e o Prefeito sancionou a Lei n. 5.300, autorizando o Poder Executivo Municipal a criar o Conselho Municipal de Feiras Livres no município, órgão de caráter deliberativo e consultivo, aos planos e programas de expansão das feiras livres, políticas de atendimento da população em termos quantitativos e qualitativos.

Segundo essa Lei, o Conselho Municipal das feiras livres de Campo Grande atuará na orientação, planejamento e interpretação de matéria de sua competência, ao qual compete, formular, juntamente com a Administração Municipal, diretrizes para a política das feiras livres e acompanhar sua implementação, colaborando no planejamento municipal, propondo normas de recomendação que subsidiem um ordenamento no crescimento da cidade, tendo em consideração as feiras livres. Além disso, analisar os locais destinados às feiras livres e propor as modificações necessárias para racionalizar e melhorar o atendimento ao público.

Em 28 de abril de 2016 foi publicado no DIOGRANDE (Diário Oficial de Campo Grande-MS) n. 4.551 o Decreto n. 12.879, de 27 de abril de 2016, regulamentando a Lei n. 5.300. Conselho Municipal das feiras livres, com a composição do referido, com 9 (nove) membros titulares e seus respectivos suplentes.

Somado a isso, caberá a Coordenadoria de Apoio aos Órgãos Colegiados (CAOC), prestar assessoria administrativa e apoio técnico ao Conselho Municipal das feiras livres (CMFL), mediante solicitação.

Impactos socioambientais e políticos da feira Coophavila II

A feira livre do bairro Coophavila II formou-se na década de 1970 com a entrega das casas do conjunto habitacional, “[...] um projeto da empresa Plano Oeste e financiado pelo extinto banco Sul-Brasileiro. Foi formado depois da Coophavila 1 e do Coophasul, mas é o único bairro da proposta de urbanização da época em Campo Grande que até hoje mantém mais latente uma formação geográfica muito característica: possuir uma avenida central larga, onde se concentram diversos serviços populares como o centro comunitário, quadras de esportes, equipamentos de saúde e um centro comercial, tudo para criar independência do aglomerado com relação à região central.” (CÉSAR, 2015).

Para se adequar a Lei complementar n. 223, a Feira Livre do bairro da Coophavila II, região Sul da cidade, que se instalava em uma das pistas da Avenida Marinha entre as ruas da Península e Rua dos Mariscos duas vezes por semana, obstruindo o posto policial do bairro e uma das ruas da Escola Pe. José Scampini, a feira livre foi relocada para Oeste na mesma Av. Marinha, ao lado de uma grande área pública, que pode ser mais bem observada na Figura 3.

Segundo os feirantes e moradores entrevistados na pesquisa de campo, a mudança de local da feira livre do bairro Coophavila II não trouxe melhorias, pelo contrário, a infraestrutura da feira continua praticamente a mesma e os conflitos com a maioria dos moradores somente mudaram de endereço.

Figura 3 – Mapa da feira livre da Coophavila II



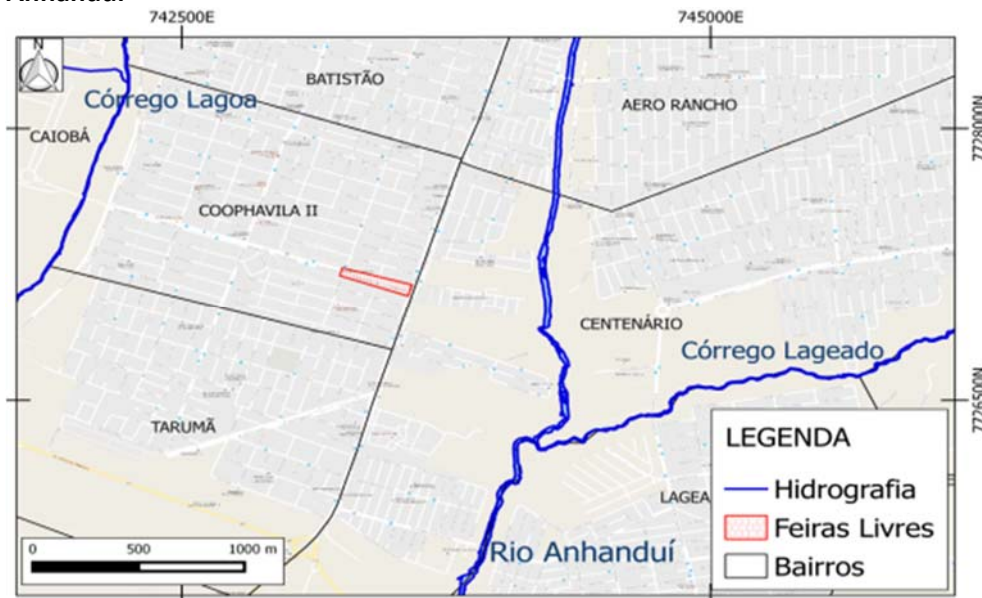
Fonte: "Autor" (2016).

Os impactos sociais são visíveis durante e após a realização de cada feira livre. Após o desmonte das barracas da feira livre nessa parte da avenida os resíduos sólidos e líquidos ficam espalhados no asfalto para posteriormente serem removidos pela companhia de limpeza urbana após quase 8 horas do final da feira. Quando ocorre chuva mais intensa os resíduos são arrastados para o córrego Anhanduí, conforme Figura 4.

Além disso, o trânsito na av. Marinha, local da feira, passa a ser de mão única sem sinalização, desviando os ônibus da linha número 390 para ruas estreitas do bairro. Onde são montadas as barracas os moradores são impedidos de trafegarem com seus automóveis.

O impacto socioambiental causado pela feira livre do bairro Coophavila II em Campo Grande-MS, Figura 4, ocorre semanalmente, sem que as autoridades tomem providências. Não obstante, outras feiras são mais organizadas pela Administração Municipal, com local específico e melhor infraestrutura, tendo como um diferencial o fato não desviar o trânsito, não atrapalhar o acesso às garagens dos carros dos moradores entre outros aspectos.

Figura 4 – localização da feira Coopavila II na bacia hidrográfica do rio Anhanduí



Fonte: "Autor" (2016).

As feiras livres realizadas nas vias de circulação aberta, como a feira Coopavila II, causam maiores transtornos às comunidades, visto que os moradores são obrigados a retirarem seus veículos de suas casas antes da montagem das barracas porque os acessos às suas garagens ficam obstruídos. Por ocasião das feiras as linhas de ônibus são desviadas para ruas estreitas dos bairros. A sujeira oriunda dos resíduos sólidos das barracas, principalmente, das barracas de hortifrutigranjeiros, se espalha pelas ruas. Figura 5.

Figura 5 - Av. Marinha após a feira – Bairro Coopavila II – Campo Grande - MS



Fonte: "Autor" – (2014).

Sobre a geração de resíduos e seu impacto ambiental decorrente das feiras, cabe observar o que dispõe a Lei Complementar n. 209 de 27 de dezembro de 2012 que instituiu o código Municipal de resíduos sólidos, disciplinando a limpeza urbana no município de Campo Grande. O artigo 44 regulamenta da seguinte forma,

Art. 44. Nas feiras livres, instaladas em vias ou logradouros públicos, onde haja a venda de gêneros alimentícios, produtos hortifrutigranjeiros ou outros produtos para o abastecimento Público, são obrigatórios a colocação pelo responsável de recipientes de recolhimento dos resíduos sólidos em local visível e acessível ao Público, em quantidade mínima de um recipiente por banca instalada, conforme estabelecido em regulamento e em seus respectivos Planos de Gerenciamento de Resíduos Sólidos. (DIOGRANDE n. 3.671. 2012. p. 4).

O que se observa, nesse contexto, é que a Lei existe, mas falta maior fiscalização por meio do órgão responsável pelas feiras livres, principalmente nas feiras livres dos bairros das periferias da cidade.

Análise e resultados de campo

A pesquisa de campo analisou quatro feiras livres, duas que se instalam periodicamente nas ruas dos bairros Coophavila II e Guanandy e duas que se instalam em locais específicos dos bairros Cabreúva e Vila Jacy, conforme Figura 6.

Realizaram-se três tipos de questionários, direcionados especificamente a cada grupo, feirantes, usuários ou fregueses das feiras livres e moradores dos arredores das feiras livres. Aos feirantes das quatro feiras livres, dos bairros (Cabreúva, Guanandy, Vila Jacy Coophavila II), no total de 40, foram feitas as seguintes perguntas.

I – Opinião de 40 feirantes

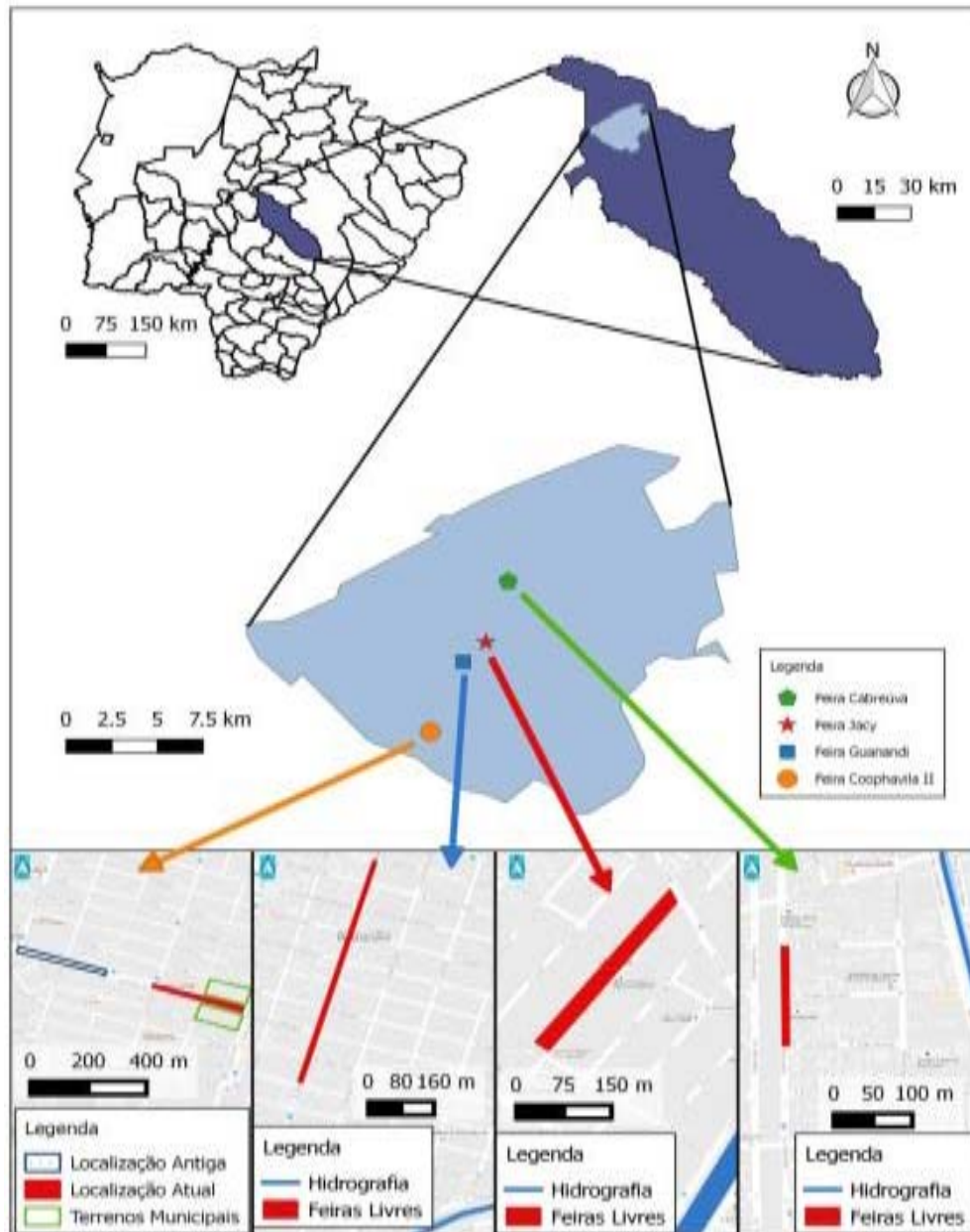
1 - Qual região da cidade o Sr./Sra. reside? (Gráfico 1).

A análise do gráfico 1 revela que os quarenta feirantes entrevistados na pesquisa de campo nas feiras livres dos bairros (Cabreúva, Coophavila II, Vila Jacy e Guanandy), na maioria, residem nas regiões Norte e Sul da cidade e a minoria na região rural.

2 - Há quanto tempo trabalha na feira? (Gráfico 2).

Analisado o gráfico 2 se verifica que, a maioria dos feirantes tem mais de 10 anos de trabalho nas feiras livres pesquisadas, alguns chegando há mais de 40 anos nessa atividade.

Figura 6 – Mapa das feiras livre do perímetro urbano do município de Campo Grande - MS

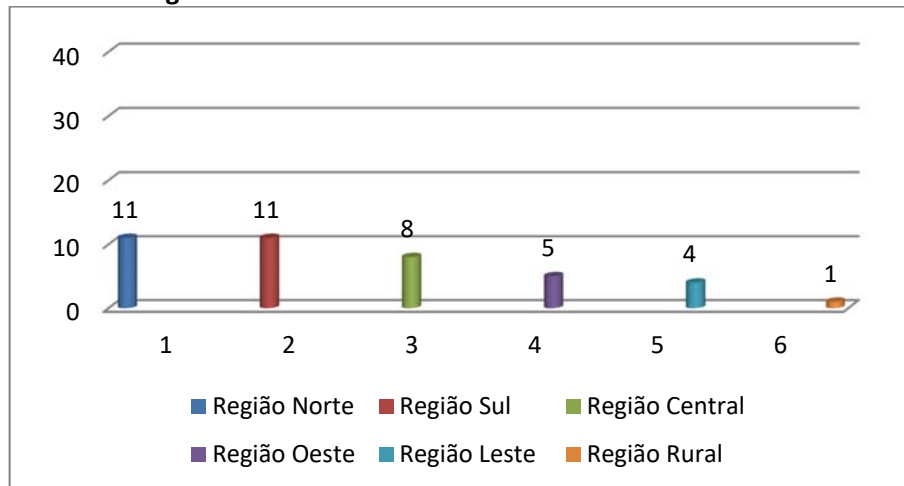


Fonte: "Autor" (2016).

3 – Qual a opinião do senhor/senhora sobre localizar as feiras em espaço específico para essa finalidade. Seria bom, ruim ou não sabe? (Gráfico 3).

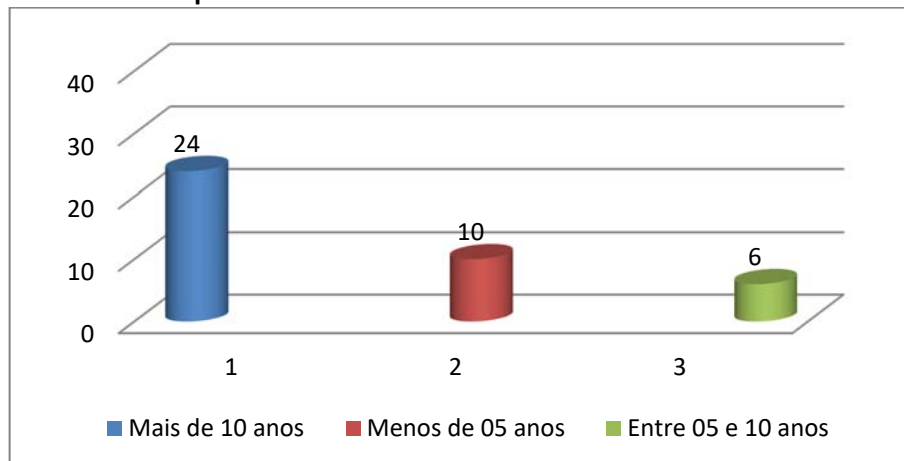
O gráfico 3 analisado informa que, na opinião da maioria dos feirantes, seria bom se as feiras de ruas fossem localizadas em espaços específicos.

Gráfico 1- Regiões das residências dos feirantes

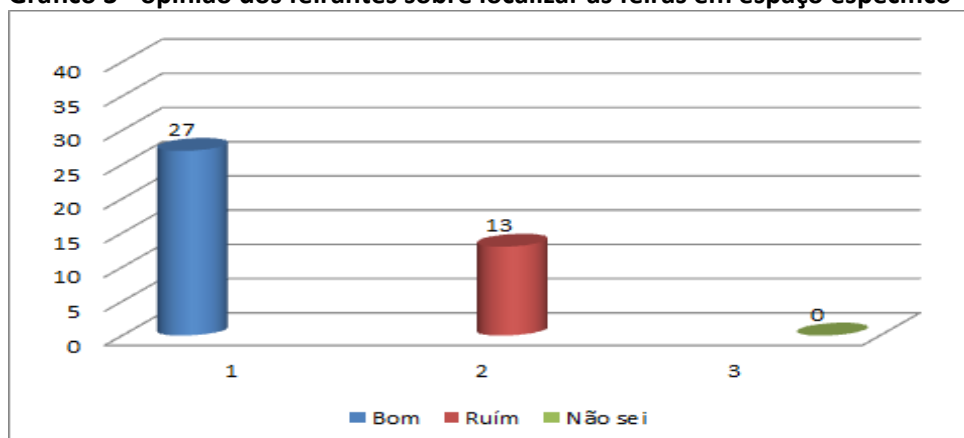


Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 2 - Tempo de trabalho nas feiras



Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 3 - opinião dos feirantes sobre localizar as feiras em espaço específico

Fonte: "Autor" (2016).

4 - Recebe algum tipo de apoio do poder público? (Gráfico 4).

Conforme o gráfico 4 a maioria dos feirantes apontaram a falta de apoio do poder público.

5 - Desenvolve somente essa atividade ou essa é complementar? (Gráfico 5).

Observa-se no gráfico 5 que a maioria é feirante comerciante e compram os produtos nas Centrais de Abastecimento de Mato Grosso do Sul (CEASA – MS) para comercializarem nas feiras livres. Assim, menos da metade dos feirantes entrevistados são feirantes produtores ou feirantes que desenvolvem outras atividades.

II – Opinião de 40 usuários segundo as seguintes perguntas

1 - É morador da comunidade? (Gráfico 6).

As informações coletadas dos quarenta usuários (fregueses/frequentadores) das feiras livres dos bairros (Cabreúva, Coophavila II, Vila Jacy e Guanandy), demonstra que a maioria são moradores da comunidade.

2 - É frequentador regular de feiras? (Gráfico 7).

A análise do gráfico de número 07 aponta que, quase 100% dos moradores são frequentadores regulares de feiras.

3 - O que acha dessa feira? (Gráfico 8).

A maioria dos usuários das quatro feiras em estudo considera boa a feira que frequentam.

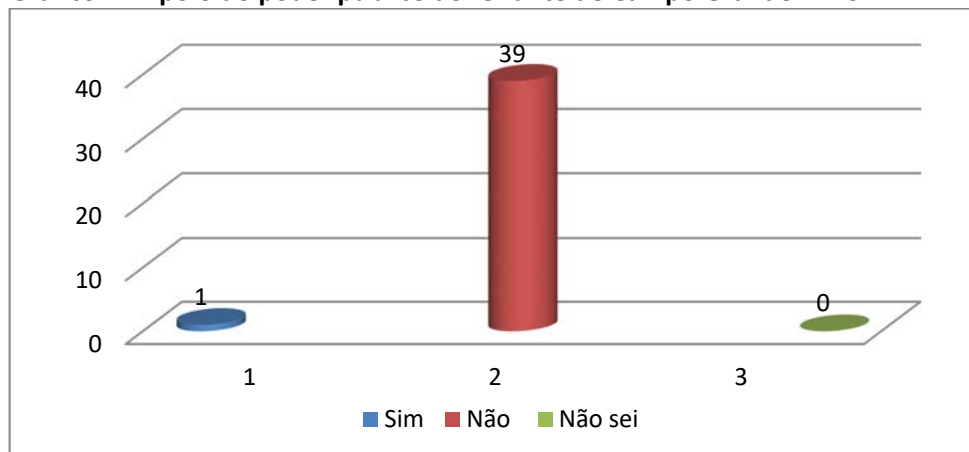
4 - Têm problemas com estacionamento e segurança nessa feira? (Gráfico 9).

Analisado o gráfico 9, se verifica que a maioria dos usuários não têm problemas com estacionamentos e segurança, porém, alguns reclamaram da cobrança do estacionamento pelos chamados “flanelinhas” (Serviço prestado informalmente por pessoas que cobram para cuidarem dos carros estacionados nas ruas).

5 - Você conhece feira(s) fora da rua? O que acha? (Gráfico 10).

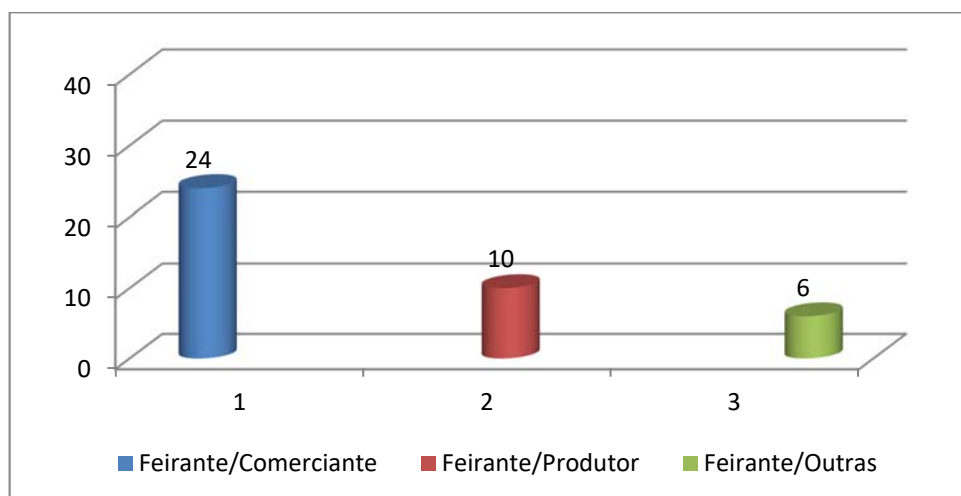
Ao elaborar o gráfico 10, verificou-se a preferência da maioria dos usuários ou fregueses pelas feiras livres em locais específicos (fora das ruas), visto a melhor organização do espaço em relação às feiras de rua.

Gráfico 4 - Apoio do poder público ao feirante de Campo Grande – MS

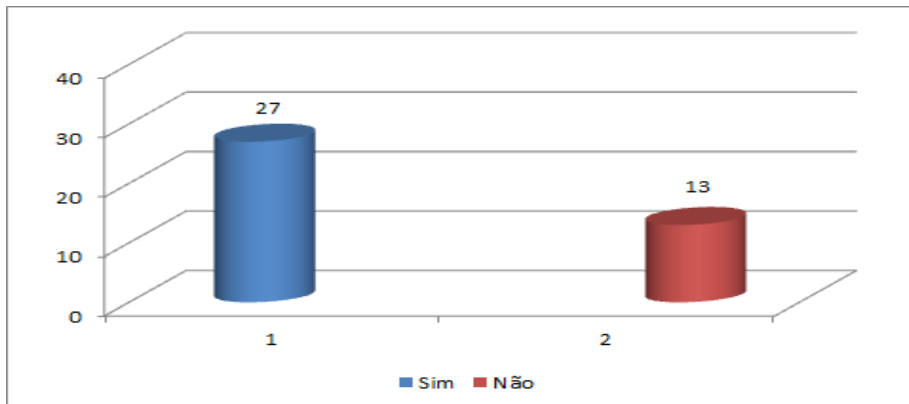


Fonte: “Autor” (2016).

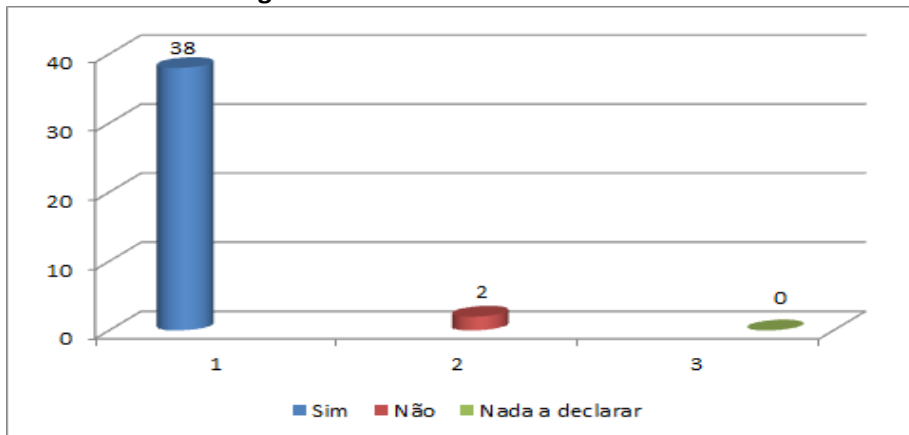
Gráfico 5- Atividades dos feirantes



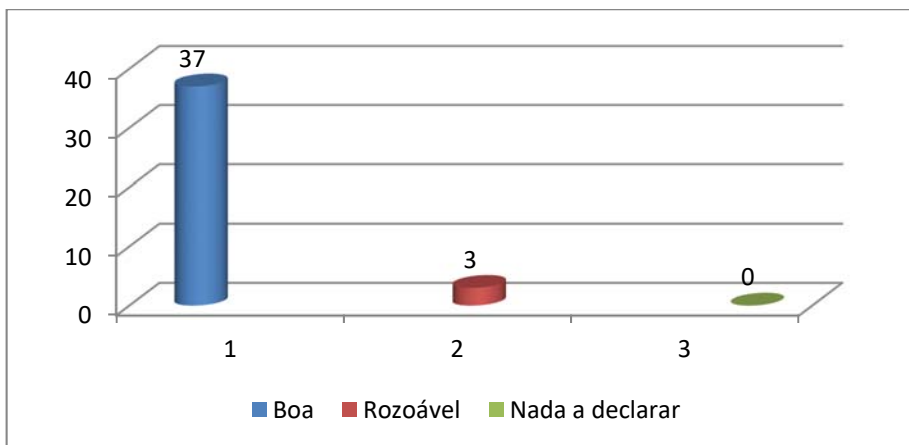
Fonte: “Autor” (2016).

Gráfico 6 - Moradia dos usuários na localidade da feira

Fonte: "Autor" (2016).

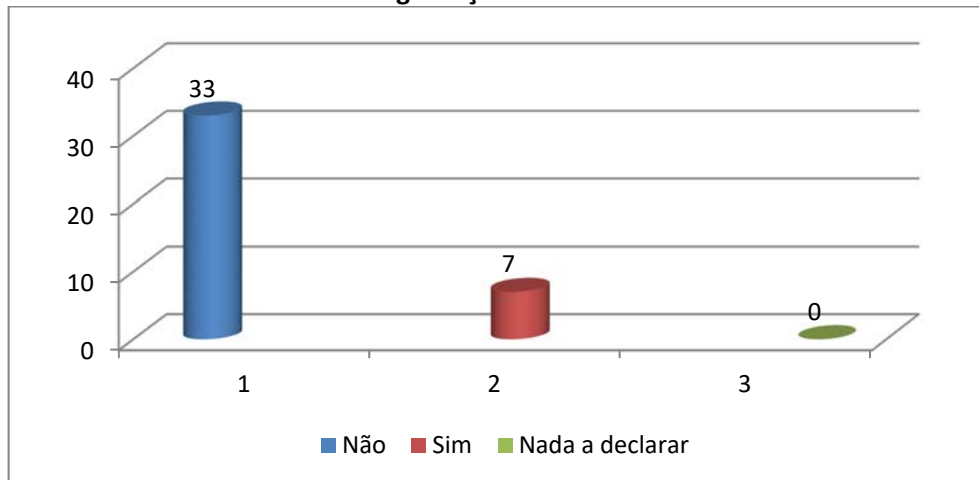
Gráfico 7- Usuário regular da feira

Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 8- Opinião sobre a feira livre

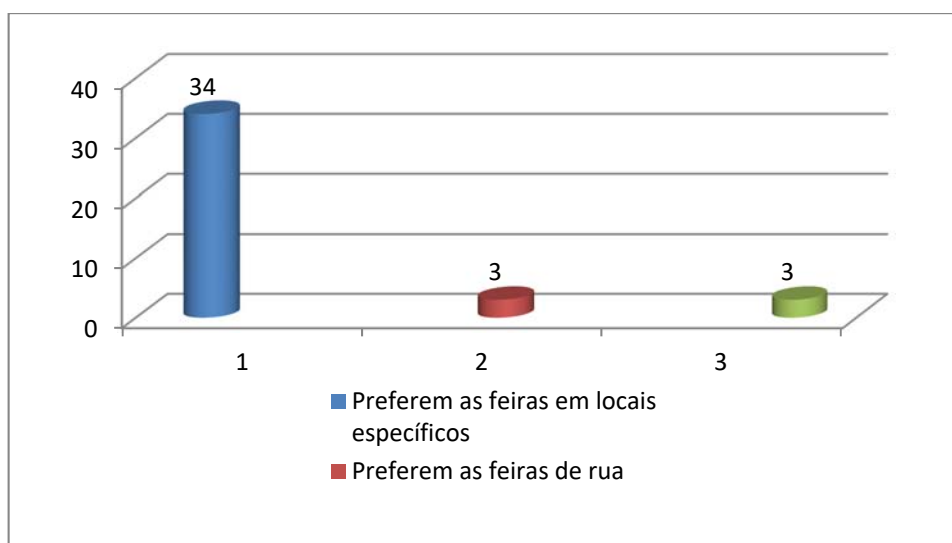
Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 9- Estacionamentos e segurança



Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 10 - Preferência por qual tipo de feira livre



Fonte: "Autor" (2016).

III – Opinião de 40 moradores segundo as seguintes perguntas

1- Há quanto tempo reside na comunidade? (Gráfico 11).

As respostas dos quarenta moradores dos arredores das feiras dos bairros (Cabreúva, Guanandy, Vila Jacy e Coophavila II), demonstram que a maioria reside há mais de dez anos nas comunidades.

2 - Gosta de residir próximo ao local da feira livre? (Gráfico 12).

Verificou-se que a maioria gosta de residir próximo as feiras livres, com algumas ressalvas.

3 - É usuário regular da feira? (Gráfico 13).

O gráfico 13 aponta que mais de 90% dos moradores entrevistados são usuários ou fregueses regulares das quatro feiras livres pesquisadas.

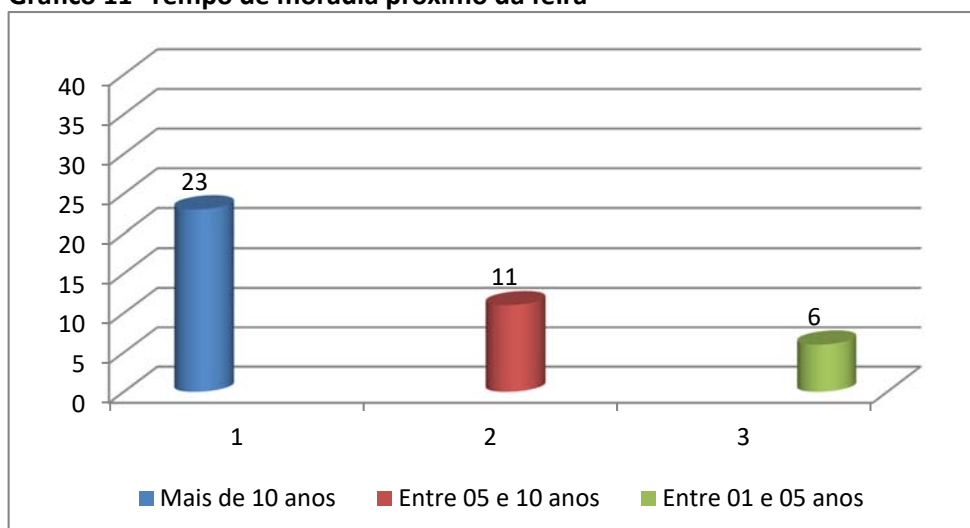
4 - O que você pensa da feira livre na comunidade? (Gráfico 14).

A maioria dos moradores, conforme esquematizado no gráfico14, consideram boa à feira para a comunidade.

5 - Cite dois pontos positivos e dois pontos negativos sobre essa feira livre. (Gráfico 15).

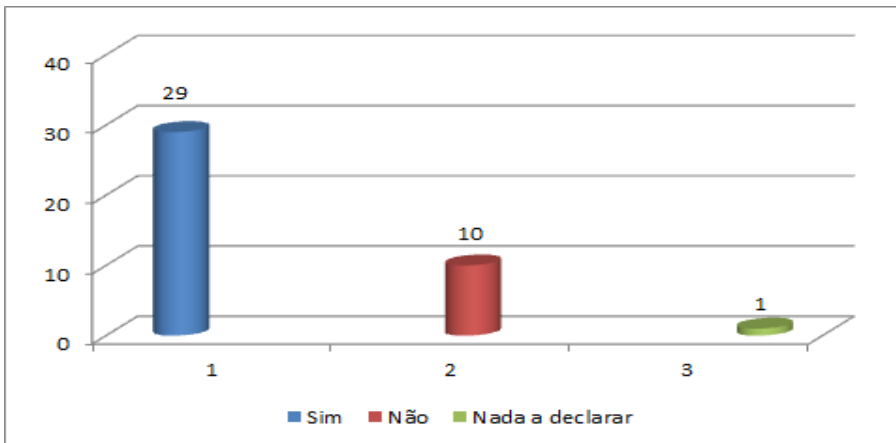
A quinta questão do questionário aos moradores dos arredores das feiras livres sobre os pontos negativos e positivos em relação às feiras livres em estudo gerou seis importantes respostas, conforme gráfico n. 15, mas a maioria dos moradores apontaram a obstrução e desvio do trânsito como principal ponto negativo devido às feiras de rua.

Gráfico 11- Tempo de moradia próximo da feira



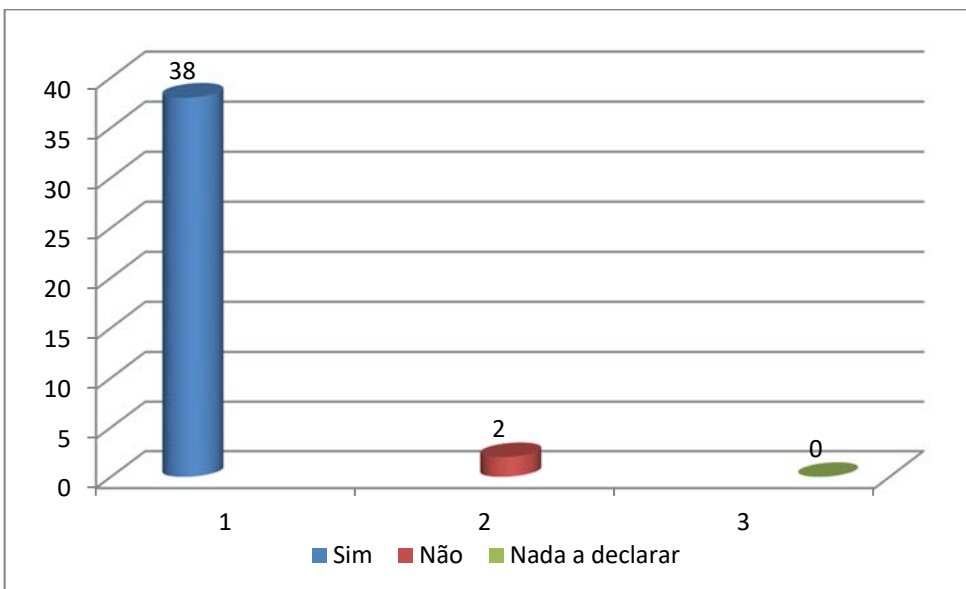
Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 12 - Gosta de residir próximo a feira livre



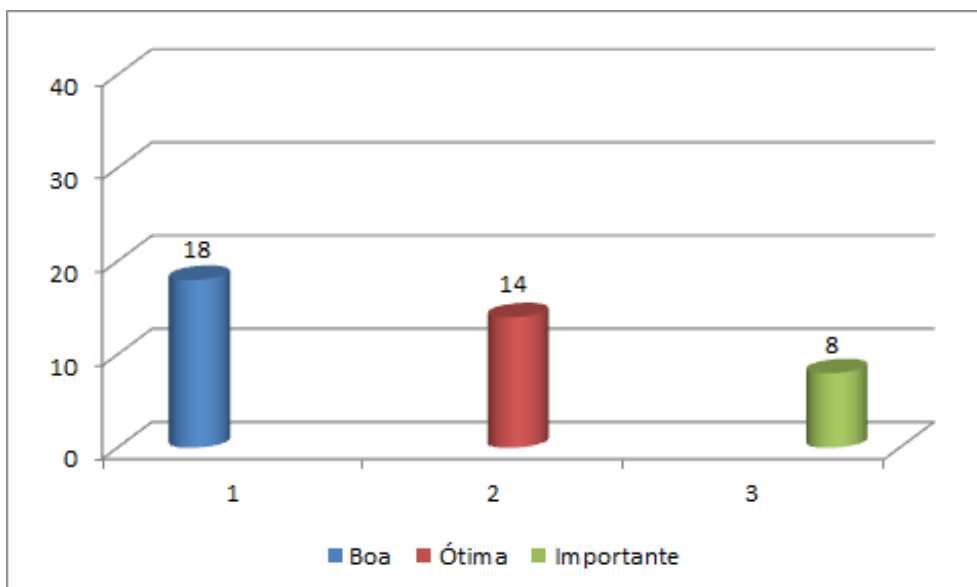
Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 13 - moradores/usuários das feiras livres



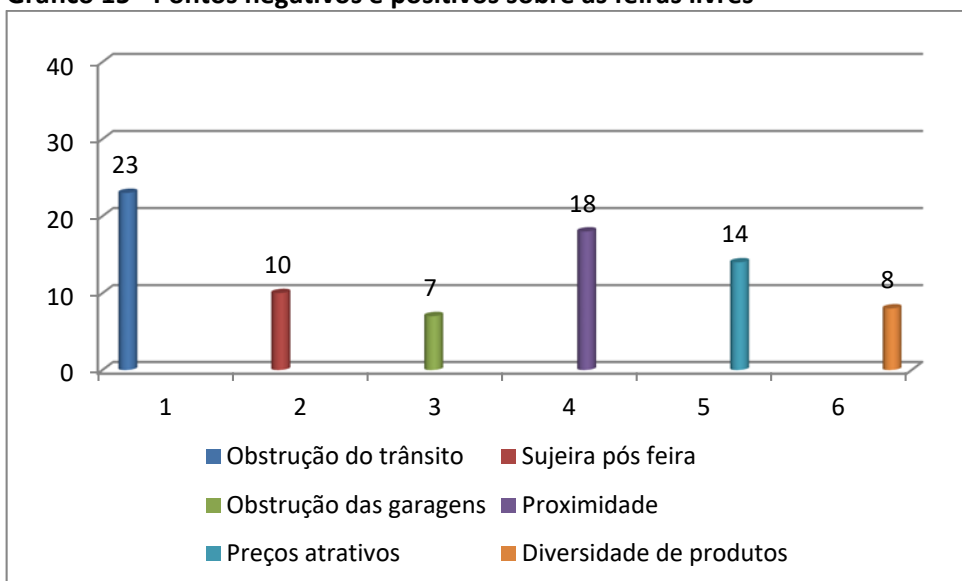
Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 14 - importância da feira para a comunidade



Fonte: "Autor" (2016).

Gráfico 15 - Pontos negativos e positivos sobre as feiras livres



Fonte: "Autor" (2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer do Curso de Licenciatura Plena em Geografia, observou-se a problemática gerada pelos conflitos urbanos causados pelas feiras livres instaladas nas ruas de Campo Grande, que nem sempre são visualizados pela sociedade, haja vista as ações de permissividades administrativas, assim constituiu-se o objeto de pesquisa, para que ao final se sugerisse alternativas para a gestão urbana desses espaços.

A partir da análise dos resultados de campo, se observou que a maioria dos feirantes e usuários ou fregueses entrevistados responderam que são favoráveis que as feiras livres que estão nas ruas obtenham seus espaços específicos.

Nesse sentido, buscaram-se alternativas por meio de análise de feiras livres que desenvolvem atividades similares e superaram os pontos negativos abordados na pesquisa de campo nas duas feiras livres que se instam nas ruas dos bairros Coophavila II e Guanandy.

Tendo como recorte a pesquisa da feira livre do bairro Coophavila II em Campo Grande – MS, aonde ocorrem vários conflitos socioambientais nesse espaço urbano, como por exemplo, obstruções das garagens, desvio do trânsito, principalmente o transporte público, lixo pós-feira em que os resíduos são arrastados para o córrego anhanduí, vimos propor a seguinte alternativa.

Que a feira da Coophavila II seja reestruturada pela Prefeitura Municipal na área pública de 10.730m² entre as ruas do cabo e a Av. Marinha e Gunter Hans, tomando como exemplo a feira livre do bairro Cabreúva, assim, solucionando grande parte dos conflitos entre feirantes e moradores do bairro e beneficiando a comunidade com um espaço público e de multiúso.

Considerando o Plano Diretor Municipal como importantíssimo instrumento básico da política de desenvolvimento e de expansão urbana, de acordo com a Constituição Federal e o Estatuto da Cidade, documento de desenvolvimento do Município nos seus aspectos econômico, físico e social, e que, nesse período elabora a revisão do Plano Diretor de Campo Grande, propõe-se que inclua pauta em seus debates propiciando desdobramentos no ordenamento territorial dessa atividade milenar, favorecendo a infraestrutura e inclusão social, solucionando assim, a maioria dos conflitos descritos nesse trabalho.

Pretende-se ainda, com este trabalho, uma contribuição ao Conselho Municipal das feiras livres de Campo Grande para as futuras ações deliberativas e consultivas sobre o assunto.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Valério de. **Campo Grande de Outrora** – Campo Grande: Letra Livre, 2003.

ASSOCIMEC. **Revista do Mercado Municipal de Campo Grande – MS**: maio edição especial 01/2010. p. 16.

BECHARA, Evanildo Cavalcante. (Org.). **Dicionário escolar da Academia Brasileira de Letras: língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011. p. 580.

BRASIL. Campo Grande (MS). 2013. **Arquivo Histórico de Campo Grande**. Disponível em: <<http://www.capital.ms.gov.br>>. Acesso em 08 de Ago. 2016.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Campo Grande – MS. **DIOGRANDE n. 3.671. Lei Complementar n. 209 de dezembro de 2012. pag. 04.** Disponível em: <www.campogrande.ms.gov.br/egov/downloadFile.php?id=4660...id>. Acesso em: 08 de Ago. de 2015.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Campo Grande – MS. DIOGRANDE n. 4.551. **DECRETO n. 12.879, DE 27 DE ABRIL DE 2016.** Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:uEeGLHe3WxUJ:www.campogrande.ms.gov.br/egov/downloadFile.php%3Fid%3D5956%26fileField%3Darquivo_dia_ofi%26table%3Ddiario_oficial%26key%3Did_dia_ofi%26sigla_sec%3Ddiogrande+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 08 de Ago. 2016.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Campo Grande – MS. **Lei Complementar n. 94 de 06 de outubro de 2006.** Disponível em: <<http://www.capital.ms.gov.br/egov/semadur/downloads/LEI-COMP-94-2006-PLANO-DIRETOR.pdf>>. Acesso em: 08 de Ago. de 2016.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Campo Grande – MS. **Lei Complementar N. 223 de 14/01/2014.** Disponível em: <<https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=264646>>. Acesso em: 08 de Ago. 2016.

BRASIL. Prefeitura Municipal de Campo Grande – MS. **Lei n. 2.909, de 28 de julho de 1992.** Institui o código de Polícia Administrativa do Município de Campo Grande – MS, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.capital.ms.gov.br/semadur/canaisTexto?id_can=3571>. Acesso em: 07 de mar. 2015.

CALADO, Lenita Maria Rodrigues. **Era uma feira aonde a gente ia de chinelo: Campo Grande e sua Feira Livre Central** – Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013.

CALADO, Lenita Maria Rodrigues. **Campo Grande e sua Feira Livre Central; conhecendo a cidade através da feira.** – Dourados, MS: UFGD, 2010. Disponível em: <<http://files.ufgd.edu.br/arquivos/arquivos/78/MESTRADO-DOCTORADO-HISTORIA/Lenita%20Rodrigues%20Calado.pdf>>. Acesso em: 08 Ago. 2016.

CÉSAR, Rodolfo. O ESTADO MS. **Bairro Coophavila 02 impulsionou expansão do sul de Campo Grande.** Disponível em: <<http://www.oestadoonline.com.br/2015/05/conjunto-coophavila-2-impulsionou-expansao-do-sul-de-campo-grande/>>. Acesso em: 08 de Ago. de 2016.

COSTA, Celso. Evolução Urbana. In: **Álbum Campo Grande, 100 anos de construção.** Campo Grande: Matriz Editora, 1999.

FRANCO JÚNIOR, Hilário, **A Idade média: nascimento do ocidente.** - 2. ed. São Paulo : Brasiliense, 2001. p. 45. Disponível em:

<http://www.letas.ufrj.br/veralima/historia_arte/Hilario-Franco-Jr-A-Idade-Media PDF.pdf>. Acesso em: 08 de Ago. de 2016.

GARDIN, Cleonice. **Campo Grande: Entre o Sagrado e o Profano**. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projetos e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 7. Ed. – 7. reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012. p. 43-44.

MOURA, Ricardo. **Feira Central de Campo Grande – MS**. Disponível em: <<http://www.mochileiros.com/campo-grande-ms-o-que-fazer-por-aqui-com-fotos-t71677.html>>. Acesso em: 08 de Ago. de 2016.

OLIVEIRA NETO, Antônio Firmino de. **Ruas e Calçadas de Campo Grande**. SP: USP, dissertação de mestrado em Geografia, 1997. p. 31-32.

OLIVEIRA NETO. **A rua e a cidade: Campo Grande e a 14 de julho**. Ed. UFMS, 2005. p. 51-56.

TREVISAN, Emerson. **A feira livre em Igarassu: uma análise a partir dos dois circuitos da economia – a convivência do formal e o informal**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6327?show=full>>. Acesso em: 08 de Ago. de 2016.

Contato com o autor: Roberto Ortiz Paixão <rpaixao@uemms.br>

Recebido em: 29/11/2016

Aprovado em: 13/11/2017